

Marilene Scarlati

SEMPRE AOS  
IDOMINGOS

Aracaju-SE

**ArtNer**<sup>EDITORA</sup>  
Comunicação

2020

© Copyright 2020 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados a autora. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos da autora (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**  
Joselito Miranda

**Editoração**  
ArtNer Comunicação

**Capa**  
Foto 85 Studio

**Impressão**  
Infographics

**Revisão de texto**  
Thabaty Mousinho  
Roberta Almeida Fernandes

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

S237s Scalarti, Marilene.  
Sempre aos domingos. /Marilene Scarlati.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2020.  
205p.

ISBN: 978-65-991517-2-9

1. Literatura Brasileira - Romance  
I - Título

2. Romance


CDU: 821.134.3(813.7) - 31

---


Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jane Guimarães CRB-5/975

**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · <http://artner.com.br/>



Para meus filhos, Sergio, Sandra e Leonardo  
A continuação da vida. Roberta, Paula, Mirella e Amábile



**S***empre aos domingos* surgiu da solidão das tardes domingueiras vividas na cidade de Aracaju-SE, nordeste do Brasil para onde me mudei acompanhando meu marido numa transferência profissional, na década de 1980. No calor forte e abafado da linda Praia de Atalaia, decidi escrever algo e, ao terminar reli, gostei, e espero, sinceramente, que o prezado leitor também aprecie este romance, que não tem a pretensão de ser uma grande obra. Foi escrito de forma simples, mostrando o dia a dia de uma família, absolutamente, comum. Apesar de ser inspirado em fatos reais alguns personagens são ficcionais. Sua publicação, somente, agora, acontece, depois de tantos anos, por incentivo de amigos e familiares.

*A autora*

**A**presentar Marilene Scarlati seria no mínimo redundante. Jornalista, radialista, personalidade atuante social e politicamente em Aracaju, por certo ela já é conhecida por grande parte dos leitores.

Resta-nos então, a honra de apresentar e tecermos algumas considerações sobre este pequeno romance, onde Marilene nos revela mais um de seus inúmeros talentos.

A trama, muito bem construída, incita a curiosidade e vai prender o leitor da primeira à última página. Fugindo das construções gramaticais complexas e das rígidas e longas descrições, o romance torna-se uma leitura leve, oferecendo momentos de real lazer e oportunidade do uso da imaginação, levando à uma interação com a obra.

Esta interação, inerente às obras de arte, permite uma participação ativa do leitor, tornando a leitura bem mais agradável.

Sem querer nos estender, sugerimos que o leitor verifique desde já as estimulantes experiências que a leitura deste livro certamente irá lhe proporcionar.

*Luiz Drumond*



# Sumário

Quando tudo começou.....	9
Uma mudança de comportamento.....	12
Uma notícia inesperada... ..	14
Contando a novidade... ..	16
O nascimento do bebê.....	18
E o tempo foi passando... ..	20
Os preparativos da viagem ... ..	23
No dia seguinte.....	26
Estudando juntos.....	29
Foi num domingo.....	32
Caminhos que se cruzam.....	35
Sentimentos que renascem.....	39
O reencontro.....	42
Uma triste despedida.....	48
Um telefonema inesperado.....	52
O desencontro.....	56
O encontro.....	61

O dia do casamento.....	74
Nossas histórias.....	85
A traição.....	97
Um novo recomeço.....	103
Enfrentando a realidade.....	108
Um desastre.....	115
As coisas estão mudando.....	119
Sentimentos intensos.....	125
Um clima estranho.....	130
E tudo vai se ajustando.....	139
Uma decisão a ser tomada.....	154
Decisões foram tomadas.....	166
Muitas mudanças.....	178
Um susto.....	190
Sempre aos domingos.....	199



## *Quando tudo começou...*

- **B**om dia, seu Mário...
- Bom dia, Alice.
- Não está atrasada, menina?
- Sim, estou. Vou correndo, até...

Mário Luppín e sua mulher, Rose, vieram morar naquela pacata rua do Sumaré, um bairro elegante de São Paulo, há vários anos. Quase todos os moradores eram antigos e se conheciam.

Quando Alice nasceu, filha de um jovem casal moradores da casa vizinha, Jonas e Amélia Pinheiro, Rose se ofereceu para ajudar nos primeiros dias, visto que tanto Amélia como Jonas não tinham parentes na cidade.

Eles vieram do Paraná. Jonas era engenheiro da Cia Ligth e trabalhava em turnos diferentes, por isso Amélia aceitou de bom grado o oferecimento dos vizinhos.

Mário tinha quarenta anos e sua esposa, trinta e cinco. Já estavam casados há cinco anos e desejavam muito ter um filho. Apesar dos médicos afirmarem que não havia nada errado com eles, Rose nunca ficara grávida.

A vinda de Alice trouxe alegria não apenas à seus pais, mas também ao casal Luppín.

Rose sugeriu que abrissem um portão, no muro, que dividia as casas, pois assim era mais fácil para cuidar de Alice e ajudar

Amélia. Jonas achou ótima a ideia e junto com Mário fizeram o portão, que ficou ligando as duas casas. Dois meses depois, Jonas, Amélia e o casal Luppim estavam orgulhosos batizando a pequena Alice.

— Alice, vem, aqui, chamou Amélia.

— Aqui, onde, mamãe?

— No jardim.

— Querida, veja que linda rosa branca. Vou cortá-la, e você pode levar para sua professora.

— Não, não vou levar rosa para aquela chata. Sabe mamãe, ela me colocou de castigo ontem só porque achei graça e ri alto de uma coisa que a minha amiga disse. Ela falou que quem ri alto e sem motivo é bobo.

— Mas você não tinha um motivo?

— Sim, tinha. A Nínive foi falar raspão e falou rasgão. Eu ri.

— Bem, você não quer levar a rosa? Está tão bonita, Alice.

— Já disse que não, mamãe!

Alice saiu correndo, casa à dentro, enquanto Amélia a seguia com o olhar.

Como o tempo passou rápido, outro dia ela tinha um bebê, hoje uma menina de cinco anos e com muita personalidade. Nem o pai, nem ela, conseguiam muita coisa quando Alice decidia fazer algo. Ela queria e pronto! Talvez ela, Jonas, Mário e Rose tivessem mimado demais a menina...

Rose gostava quando Alice a chamava de madrinha. Na verdade, ela e Mário dedicavam-se à pequena, como se fosse filha deles. Faziam seus gostos e achavam graça de tudo o que ela fazia.

Mas, nos últimos dias Rose estava contrariada com ela, sem saber o motivo.

Ela contou ao marido suas preocupações, ele a ouvira e dera de ombros. Já há algum tempo, Rose apresentava sinais de irritação, mal ele voltava do trabalho e lá vinha ela com as mesmas reclamações.

Para não discutir com a esposa, Mário refugiava-se em seu escritório e passava quase todo o tempo trancado, evitando discussões que agora eram frequentes entre eles.

Quando Alice vinha visitá-los, Rose dava um jeito de ir para cozinha, ou quarto, deixando, sempre, o padrinho conversando com ela. Mário ficava triste, afinal, a menina não era culpada se eles não tinham filhos. Ele percebera que Rose, de repente, passou a sentir ciúme de Alice. Não compreendia o porquê, afinal fora ela quem fez tudo para ficar junto de Amélia quando a menina nasceu, dedicara-se como uma segunda mãe na educação e cuidados dela, ele não sabia o que estava acontecendo. Porque a esposa mostrava, agora, uma antipatia por Alice. Rose estava cada dia mais irritada.